necessário respeitar os limites, modos de aprendizagem e construção própria do conhecimento por parte do educando, a partir da mediação do educador.

O educador possui caminhos possíveis de serem percorridos na busca incessante de efetivar os objetivos educacionais. É necessário que o educador promova orientações e mediações aos educandos, pautadas em legislações e documentos institucionais, de modo a guiar o educando em seus diferentes percursos de aprendizagens, considerando currículos necessários e específicos a cada realidade e vivência educativa, exaltando princípios fundamentais dos processos de Educação Inclusiva: Igualdade e Equidade.

Não se trata de um trabalho de fácil realização, mas se trata de desafios necessários e possíveis. Segundo o pensador Augusto Branco "Viver é enfrentar desafios. Quem nunca enfrentou desafios, apenas passou pela vida, não viveu".

O caminho da Educação está no empenho do alcance do conhecimento por parte de todos, troca de aprendizagens e experiências, com foco em solidariedade humana, amor, cooperação, respeito as diferenças, transformação de uma sociedade desigual para uma sociedade igualitária, com direitos humanos fortalecidos e vida digna a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

.Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

.Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25. jun. 2014.

.Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

FACION, José Raimundo (Org.). Inclusão escolar e suas implicações. Curitiba: Ibpex, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, Tailândia, 1990.

LETRAMENTO E AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELO MÉTODO BRAILLE DE CRIANÇAS CEGAS ENTRE 6 A 8 ANOS

HUGO ANDRÉ MORAES DURÃO DOS SANTOS

Resumo:

O presente trabalho teve como objetivo estudar o processo de letramento e da aquisição da escrita em crianças cegas entre 6 e 8 anos através do método Braille. Método: pesquisa de revisão bibliográfica. Conclusão: a comparação do processo de letramento e da aquisição da escrita das crianças videntes e das crianças cegas, todas na faixa etária entre 6 e 8 anos.

Palavras-chave: alfabetização, aprendizagem, cego, braile.

Abstract: This work aimed to study the process of literacy and writing acquisition in blind children between 6 and 8 years through the Braille method. Method: literature review of research. Conclusion: The comparison of the literacy process and the acquisition of written children seers and blind children, all aged between 6 and 8 years.

Keywords: Literacy. Literacy. Learning.

Na área educacional a dificuldade enfrentada pelos professores é no momento da alfabetização das crianças. Esse problema tornou-se endêmico em toda a rede de ensino do país. Devido a essas dificuldades, muitas ações governamentais foram tomadas, porém muitas delas sem efeito. (CERQUEIRA, 2009), como o PNAIC criado pelas Portaria nº 1458, de 14 de Dezembro de 2012, Portaria nº 867, de 4 de Julho de 2012, Portaria nº 90 de 6 de fevereiro de 2013, Medida Provisória nº 586, de 8 de novembro de 2012, Lei 12.801, de 24 de abril de 2013 – Conversão da Medida Provisória 586, de 2012. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental.

Esses problemas aparecem numa sala regular de ensino com alunos sem necessidades especiais de ensino, porém as dificuldades enfrentadas pelos alunos com alguma necessidade especial de ensino são muito maiores, pois sempre necessitarão de alguma adaptação realizada pelo professor titular para que se alcance a meta, ou seja, para

que esta criança seja alfabetizada (FIGUEIREDO, 2014).

Uma adaptação necessária ao aluno deficiente visual é a utilização de material em Braille, essencial para a alfabetização do mesmo. O Sistema Braille é um método de escrita criado por Louis Braille, no século XIX na França, no qual a escrita é feita através da combinação de pontos em uma cela, gerando o relevo que o deficiente visual conseguirá efetuar a leitura (FIGUEIREDO, 2014).

Letramento, aquisição da escrita e Braille

A alfabetização de crianças sempre foi um desafio para os professores e com o passar dos anos esses desafios vêm se tornando cada vez maiores e mais complicados. Os professores "alfabetizadores" são cada vez mais raros na escola, pois o problema enfrentados por eles no dia-a-dia é extenso (SOARES, 2000).

Nos últimos anos, devido a diversos estudos, vem crescendo a questão de que alfabetizar, simplesmente, já não é suficiente. Hoje, além de alfabetizado, o aluno tem que ser letrado, ou seja, tem que apresentar habilidades muito mais complexas do que somente ler e escrever.

De acordo com Soares (2004), alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias .

Para Soares (2004), a alfabetização e o letramento são processos permanentes, que se estendem por toda a vida, não se esgotando na aprendizagem da escrita e da leitura. A este respeito ainda nos quis que dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária. Ainda afirmam que a alfabetização na perspectiva construtivista é concebida como um processo de construção conceitual, contínuo, iniciado muito antes da criança ir para escola, desenvolvendo- se simultaneamente dentro e fora da sala de aula. Alfabetizar é construir conhecimento. Portanto, para ensinar a ler e escrever faz-se necessário compreender que os/as alfabetizando/as terão que lidar com dois processos paralelos: as características do sistema de escrita e o uso funcional da linguagem.

A alfabetização e o letramento estão intimamente conectados, pois, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, estes evidenciam que o ensino da linguagem deve ser direcionado a três fundamentos básicos: a leitura, a compreensão e a produção, numa relação de contexto social; e para que a alfabetização e o letramento se tornem parte do ensino da língua em sua prática social, é necessário que se alfabetize letrando. Isso porque o letramento está na capacidade de interação desse sujeito com práticas sociais de escrita.

Diante da questão da alfabetização e do letramento das crianças, será abordada neste momento a questão do letramento e da aquisição da escrita (alfabetização) pelas crianças deficientes visuais, mais precisamente das crianças cegas.

Verificou-se, historicamente, inúmeras tentativas de proporcionar às pessoas cegas condições de ler e escrever. Foi somente com Louis Braille que se alcançou um método eficaz e com vasta aplicabilidade no ensino da escrita e da leitura de pessoas cegas. (CERQUEIRA, 2009)

Para ler e escrever, os alunos com deficiência visual utilizam formas diferentes dos demais alunos, necessitam de ações pedagógicas especificas, adaptações e metodologias didáticas diferenciadas (FIGUEIREDO, 2014).

O cego, como qualquer indivíduo, precisa ler para aprender a escrever, pois não tem como conhecer a língua escrita sem fazer uso dela e sem conhecer a sua diversidade.

A deficiência visual, segundo Selau, Kronbauer e Pereira (2010), é a ausência total (cegueira) ou parcial (baixa visão) da visão e/ou a perda da projeção de luz. As crianças deficientes visuais que tratadas neste trabalho, são as crianças cegas que não possuem a visão como padrão de referencia para alfabetização. Seu processo de aprendizagem se fará por meio dos outros sentidos (tato, olfato, audição, paladar), utilizando o Sistema

Braille como principal meio de comunicação escrita e o emprego de recursos específicos.

A criança cega chega à escola com uma bagagem de conhecimentos adquiridos naturalmente no meio em que vive. Entretanto, para Almeida:

[...] a criança cega não passa com tal naturalidade por essas experiências enriquecedoras. Falta-lhe a condição de imitar, [e ela] acaba, por essa razão, não tendo reais oportunidades de aprendizagem. O ato da escrita tão simples e prazeroso para uma criança vidente tranforma-se numa lacuna para ela nos primeiros anos de sua vida. (Almeida, 2002, p. 22)

As crianças cegas, por não possuir a naturalidade da experiência de imitar o ato de escrever como as crianças videntes possuem, são dotadas de certa desvantagem no momento da alfabetização. Por isso, possuem a necessidade de experiências físicas e contatos diretos com os objetos, além da interação verbal com pessoas do seu mundo social, para aprender o que a rodeia (ALMEIDA, 2002).

O processo de alfabetização de crianças cegas será mais embaraçado, pois o contato com leitura e a escrita ocorre de forma mais atrasada, possuindo a necessidade de maior estimulação que possibilite seu desenvolvimento por completo, ou seja, cognitivo e físico FIGUEIREDO, 2014).

Para que ocorra a alfabetização e o letramento adequados das crianças cegas é preciso saber que elas têm que passar por um período preparatório que compreenderá a exploração do contato com material concreto para desenvolver o tato, momento em que as habilidades e capacidades sensoriais, motoras e cognitivas devem ser exercitadas para que os processos de alfabetização e letramento.

A necessidade de se desenvolver o sentido tátil da criança cega se deve ao fato da mesma ter que aprender o Sistema Braille que é primordial na alfabetização e letramento da criança, é o modo de leitura e escrita tátil utilizado pelos cegos, que consiste no arranjo de seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas de três pontos, configurando um retângulo. Os seis pontos formam o que se convencionou chamar "cela Braille". Para facilitar sua identificação, os pontos são numerados da seguinte forma: do alto para baixo, coluna da esquerda: pontos 123; do alto para baixo, coluna da direita: pontos 456.

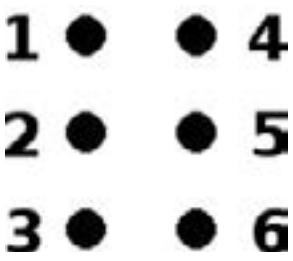


Imagem 1: Representação da Cela Braille

Segundo Sá e Magalhães (2008), para a realização da escrita e/ou leitura em Braille, é necessário que a criança conheça convenções, assimile conceitos gerais e específicos, desenvolva habilidades e agilidades táteis. É fundamental que a criança cega tenha um rigoroso prepare quanto à discriminação tátil, pois é através dela que o cego percebe o mundo e logo se apropria do sistema de escrita.

De acordo com Almeida (2002), a escrita Braille pode tornar-se tão automática para a criança cega, quanto a escrita com lápis para a criança vidente.

O método para se alfabetizar crianças cegas é o mesmo que se utiliza para se alfabetizar crianças videntes, somente há a necessidade de algumas adaptações como a conversão de todo material didático para o Braille.

O presente teve como objetivo analisar a forma como as crianças cegas adquirem a leitura e conseguem alcançar o letramento necessário para que possam ter uma vida plena em sociedade.

Método

O presente trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica, nos dados de base Scielo, Google Acadêmico, Medline..., com os seguintes descritores: letramento, cego Utilizou-se livros e artigos científicos.

A pesquisa se concentrou em obras e pesquisas de autores na área de Letramento, Alfabetização e Aquisição da Escrita, como: Emília Ferreiro, Magda Becker Soares, J. B. Cerqueira, Bento Selau, Ivoneide Gomes Figueiredo, Patrícia Ribeiro Rocha, entre outros.

Discussão

O objetivo do presente trabalho foi apresentar a todos as diferenças e, principalmente, as semelhanças dos processos de letramento e da aquisição da escrita da criança cega utilizando-se do método criado por Louis Braille.

O método utilizado para a confecção do presente foi a pesquisa bibliográfica existente, tendo como principal foco os autores Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky e J. B. Cerqueira.

O material encontrado em sites acadêmicos como Scielo, Medline, entre outros, apresentou, em sua maioria, artigos voltados à área médico, portanto pouco auxiliaram na elaboração do presente trabalho.

O presente trabalho elucidou a dificul-

dade apresentada no processo de letramento e da aquisição da escrita de crianças cegas devido ao total desconhecimento dos profissionais da área da educação. O processo é praticamente igual ao da criança vidente, exigindo-se, apenas, algumas adaptações como as apresentadas por este trabalho.

Considerações Finais

As dificuldades no processo de alfabetização, letramento e aquisição da escrita, nos dias de hoje, ainda são enormes e muito presentes nas escolas de Educação Infantil e Fundamental I.

Essas dificuldades se apresentam tanto com crianças videntes como com crianças cegas.

O processo de letramento e aquisição da escrita é o mesmo para as crianças videntes e cegas, exigindo-se, somente, algumas adaptações. Essas adaptações são necessárias, pois as crianças cegas não possuem o contato, desde cedo, com as letras e números, fato, este, que ocorre com as crianças videntes.

Para que haja um processo de letramento e aquisição da escrita eficiente das crianças cegas, necessário se fará a utilização do método Braille, introduzindo-o o mais cedo possível, fazendo com que as crianças tenham contato com o mesmo e se familiarize e se habitue o mais rápido possível.

O sucesso no letramento e na aquisição da escrita acontecerá na medida que o professor efetue as adaptações necessárias, juntamente com o apoio e acompanhamento dos pais, da coordenação e da gestão da escola.

Referências

ABNT. ABNT NBR 14724:2011 Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Disponível em:

<http://www.usp.br/prolam/ABNT_2011.pdf> Acesso em: 22/12/2013.

ALMEIDA, Maria da Glória. Fundamentos da Alfabetização: uma construção sobre os quatro pilares. Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 22, 2002. Disponível em:

<http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevAgo2002_Art igo_3.rtf>. Acesso em: 10/10/2014.

CERQUEIRA, J. B.. Braille, a Figura Humana. In: Benjamin Constant/MEC. Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação. Ano 14. Ed Especial. RJ. 2009.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed. 1999.

FIGUEIREDO, Ivoneide Gomes; OLIVEIRA, Patricia Ribeiro; ROCHA, José Arcanjo Dias. O desafio da aquisição da leitura e escrita pelo aluno com deficiência visual. Disponível em

<http://www.uesb.br/recom/anais/artigos/02/O%20DESAFIO%20DA%20AQUISIÇÃO

%20DA%20LEITURA%20E%20ESCRITA%20PELO%20ALUNO%20COM%20DEFI CIÊNCIA%20VISUAL.PDF> Acesso em: 10/07/2014.

MEC, Ministério de Educação e Cultura. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

SELAU, Bento; KRONBAUER, Carlise; PEREIRA, Priscila. Educação inclusiva e deficiência visual: algumas considerações. Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 45, 2010. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/nossosmeios/revistas>. Acesso em: 08/10/2014

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. Ed. Rev. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda Becker. Alfabetização: a ressignicação do conceito. Alfabetização e Cidadania, n° 16, p. 9-17. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/&sa=U&ei=simOU82LNeeQ1AWGgo HYAg&ved=0CCcQFjADOAE&usg=AFQjCNGAI4vSbKxKT1q8euobBvQ2CXZjbg> Acesso em 16/07/2014.

SOARES, Magda Becker. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca, (2000). Alfabetização. Brasília: MEC/INEP/COMPED (série Estado do Conhecimento).

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 1989.